

Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

DIRECTOR: MÁRIO BETTENCOURT RESENDES | DIRECTOR ADJUNTO: ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA | PREÇO (IVA INCLuíDO) 100\$ - 100 PESETAS | ANO 134.º Nº47 376 TERÇA-FEIRA, 8 DE DEZEMBRO DE 1998

PROMOÇÃO



DN INFORMÁTICA INSTANTÂNEA II

WINDOWS 98, OFFICE 97

Fichas grátis de segunda a sexta-feira

internacional

Portugueses estão felizes com a vitória de Chávez na Venezuela

PÁGINAS 8 E 9



regional

Armando Vara declara guerra total aos maus condutores

PÁGINA 22

INQUÉRITO

33 % dos europeus confessam-se «muito racistas»

Observatório Europeu comparou sondagens realizadas em 1989 e 1997 e regista um crescimento alarmante deste sentimento em menos de dez anos

O racismo aumentou de forma alarmante na Europa em menos de dez anos, informou o Observatório Europeu para os Fenómenos Racistas e Xenófobos, assinalando que um terço dos europeus inquiridos se declara abertamente ra-

cista. «O racismo aumenta entre a população europeia. Os resultados da última sondagem são particularmente alarmantes: 33 por cento dos inquiridos declaram-se abertamente "muito racistas"», concluem os autores do estudo,

feito sobre sondagens de 1989 e 1997. As causas para este aumento são, entre outras, a angústia de uma população europeia insatisfeita com a sua situação e que vê o estrangeiro como um ser indesejado. **Página 48**

RELATÓRIO

Milhões de crianças são analfabetas

Têm menos de 12 anos, vivem em países em desenvolvimento e não vão à escola

■ Cerca de 130 milhões de crianças com menos de 12 anos – uma em cada cinco – não vão à escola nos países em desenvolvimento. Estas taxas de abandono escolar vêm engrossar as fileiras dos 855 milhões de pessoas que actualmente são consideradas analfabetas funcionais: não são capazes de ler um livro ou sequer de escrever o seu nome, e

ainda menos de preencher um formulário ou servir-se de um computador. São dados do relatório anual da Unicef sobre a «Situação Mundial da Infância 1999», que hoje será apresentado em Londres e no qual se sublinha um terceiro indicador: 150 milhões de crianças iniciam a escolaridade, mas não atingem o quinto ano. **Página 20**



ABANDONO. Crianças continuam à espera dos seus direitos

PRÉMIO NOBEL

Saramago, o avô e os suecos

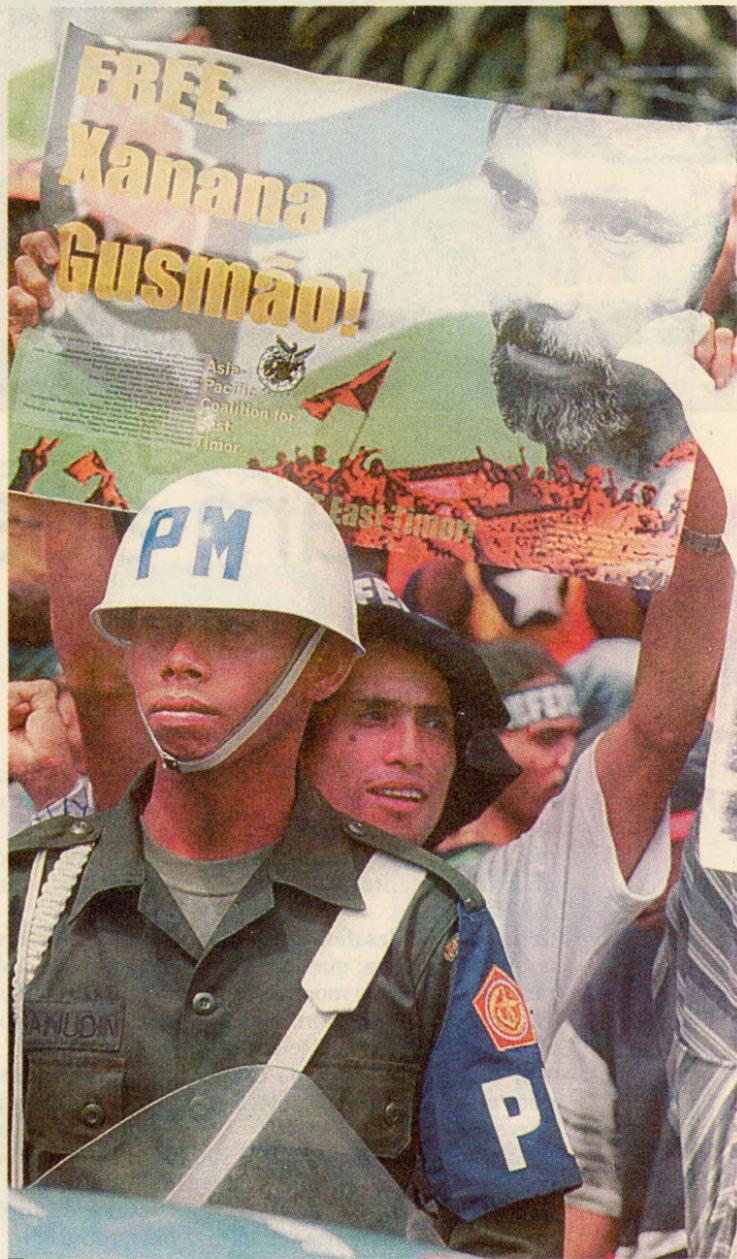
Escritor falou para centenas de pessoas da sua vida, humana e literária

ANTÓNIO CARVALHO
Em Estocolmo

«O Homem como uma árvore.»
Entem, ao fim da tarde, José Saramago veio confirmar esta frase bíblica, apresentando as suas raízes

à Academia Sueca. Perante as centenas de pessoas que enchem a dourada Sala dos Espelhos, José Saramago abriu o seu discurso de circunstância com esta afirmação, provavelmente chocante para os tão letrados suecos: «O homem mais

sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever.» Era o avô materno, Jerónimo Melrinho, criador de porcos na aldeia da Azinhaga, Ribatejo, terra natal do Prémio Nobel da Literatura. **Páginas 34 e 35**



LUTA. Timorenses vieram para as ruas de Jacarta lembrar a invasão indonésia

TIMOR

Enviado da ONU está em Díli mas não vai a Alas

Promessa de Annan a Portugal comprometida

■ O enviado das Nações Unidas a Timor-Leste, Tamrat Samuel, não deverá deslocar-se a Alas – a povoação onde, em Novembro, terão sido assassinadas várias dezenas de civis. De acordo com o programa oficial da visita de Tamrat Samuel, o di-

plomata da ONU sairá de Díli apenas hoje de manhã, para uma deslocação de helicóptero a Baucau, a segunda maior cidade de Timor-Leste, para se encontrar com o administrador apostólico da diocese local, D. Basílio do Nascimento. **Página 5**

PUBLICIDADE

Código Postal.
Mais certo. Mais perto.



Mais certo. Mais perto.

Linha Código Postal 0808 21 21 21 • www.ctt.pt



Artes & multimedia

Yo-Yo mago do violoncelo na Gulbenkian

Chama-se Yo-Yo Ma, nasceu em Paris filho de pais chineses e vive nos EUA desde os sete anos, quando começou a estudar com Leonard Rose. Conta já com quase 50 gravações divididas por variadíssimas vertentes

da criação musical e é pioneiro na utilização de suportes multimedia em música (ver o recente «Inspired by Bach»). Toca hoje, às 19 horas, no Grande Auditório da Gulbenkian, acompanhado de Kathryn Stott.



PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA JOSÉ SARAMAGO EM ESTOCOLMO

Os simples contados aos suecos

Que história espantosa faria o avô Jerónimo da palestra de fim de tarde dada pelo neto José em Estocolmo, aos académicos

ANTÓNIO CARVALHO

Em Estocolmo

«O Homem como uma árvore.» Ontem, ao fim da tarde, José Saramago veio confirmar esta frase bíblica, apresentando as suas raízes perante a Academia Sueca.

O programa oficial exige que os vários laureados com os Prémios Nobel façam, cada um, a sua palestra. O autor de *Memorial do Convento* inaugurou a série com uma evocação do seu percurso — humano e literário.

Perante as centenas de pessoas que enchem a dourada Sala dos Espelhos, Saramago abriu o seu discurso de circunstância com esta afirmação, provavelmente chocante para os tão letrados suecos: «O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever.» Era o avô materno, Jerónimo Melrinho, criador de porcos na aldeia da Azinhaga, Ribatejo.

Foi esse Jerónimo que o então menino José ajudou nas andanças de pastor — e também cavou a terra, cortou lenha, transportou água, recolheu palha. Enfim: o que José Saramago mostrou aos académicos suecos é que ele próprio se tinha levantado do chão, sem nunca perder esses laços com a terra.

Do mesmo modo que não se esqueceu daquelas noites em que o avô o desafiava para dormir consigo debaixo da figueira, e a noite se povoava com as histórias que Jerónimo lhe ia contando. «Naquela idade minha e naquele tempo de nós todos, nem será preciso dizer que eu imaginava que o meu avô Jerónimo era senhor de toda a ciência do mundo.» Foi ainda esse mesmo pastor e contador de histórias «que, ao pressentir que a morte o vinha buscar, foi despedir-se das árvores do seu quintal, uma por uma, abraçando-se a elas e chorando porque sabia que não as tornaria a ver».

Jerónimo e Josefa, a avó maravilhosamente bela, um outro avô berbere, «uns pais graves e formosos, uma flor num retrato — que outra genealogia pode importar-me? A que melhor árvore me encostaria?».

Saramago acabou por transformar essas pessoas simples em personagens literárias — «prova-



MEMÓRIAS. Saramago não esqueceu as noites debaixo da figueira, com o avô Jerónimo contando-lhe histórias

velmente, a maneira de não os esquecer» — e assim traçou o caminho para as verdadeiras personagens que acabaram por fazer dele a pessoa em que hoje se reconhece: «criador dessas personagens, mas ao mesmo tempo criatura delas», tendo vindo a implantar

essas personagens criadas no homem que foi.

E, afinal, foram essas dezenas de personagens de romance e teatro os seus «mestres de vida».

Tendo assim passado, subtilmente, das raízes da sua vida às raízes da obra, Saramago evocou

então toda uma galeria de «mestres», personagens dos seus livros: H, do *Manual de Pintura e Caligrafia*, que lhe ensinou a reconhecer e a aceitar os seus próprios limites; os camponeses alentejanos de *Levantado do Chão*, que lhe ensinaram a ser paciente, «a con-

LAUREADOS 1988-1998
1988 – Naguib Mahfouz (Egipto)
1989 – Camilo José Cela (Espanha)
1990 – Octavio Paz (México)
1991 – Nadine Gordimer (África do Sul)
1992 – Derek Walcott (St. Lucia)
1993 – Toni Morrison (EUA)
1994 – Kenzaburo Oe (Japão)
1995 – Seamus Heaney (Irlanda)
1996 – Wislawa Szymborska (Polónia)
1997 – Dario Fo (Itália)
1998 – José Saramago (Portugal)

fiar e entregar-me ao tempo»; ou o Camões de *Que Farei com Este Livro?*; ou Baltasar e Blimunda do *Memorial do Convento*, Sol e Lua «cujas presença conjunta e harmoniosa tornará habitável a Terra — pelo amor»; e, ainda, o revisor de *História do Cerco de Lisboa*, com quem o autor aprendeu a lição da dúvida, sem esquecer as lições retiradas dos últimos, *Ensaio sobre a Cegueira* e *Todos os Nomes*.

Juntando em si estes ramos da árvore da vida e da criação, Saramago concluiu dizendo: «Não tenho mais voz que a voz que elas [as minhas personagens] tiveram. Perdoai-me se vos pareceu pouco isto que para mim é tudo.»

Depois, os aplausos prolongaram-se por largos minutos. Saramago ainda quis chamar a mulher para junto de si, fazê-la partilhar aquelas palmas. Mas Pilar, tendo tocado na mão estendida, voltou a sentar-se: a árvore Saramago, longa e esguia, ficou de pé, comovida, reflectida nos espelhos. Que história espantosa faria o avô Jerónimo deste fim de tarde em Estocolmo!

A Suécia já descobriu o escritor português

Mesmo antes do Nobel, cinco dos livros de Saramago estavam traduzidos e vendiam-se bem. Agora, a procura aumenta

■ Não foi preciso um Nobel para que os suecos descobrissem Saramago. O autor de *Memorial do Convento* é um dos escritores portugueses mais conhecidos na Suécia e, mesmo antes da atribuição do prémio da Academia, os seus livros tinham já uma boa aceitação no mercado sueco. Quem o diz sabe bem do que fala. Hans Berggren é o tradutor da obra de Saramago para a língua sueca e conhece, talvez como ninguém naquele país, os livros do português.

«Saramago já era conhecido na Suécia antes do anúncio do Prémio Nobel da Literatura», afirma Berggren num português com sotaque, acrescentando que, no dia em que foi anunciada a atribuição do Nobel, os dois mil exemplares de obra de Saramago que havia em stock em Estocolmo esgotaram em meia hora e a editora teve que mandar reeditar mais 55 mil exemplares, que também já estão quase a desaparecer das lojas.

A esta procura não será alheia

outro facto: é que desde o anúncio do Nobel da Literatura, a imprensa sueca tem falado quase todas as semanas da obra de Saramago. O canal da Rádio Nacional da Suécia, por exemplo, na sua rubrica cultural fala todos os dias da obra do escritor português.

Segundo Berggren, os cinco livros de Saramago traduzidos na língua sueca (*Memorial do Convento*, *História do Cerco de Lisboa*, *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, *Ensaio sobre a Cegueira* e *Todos os Nomes*) tinham, antes do Nobel,

uma tiragem de cinco mil exemplares cada. Mas claro que em Estocolmo são os intelectuais e estudantes que melhor conhecem José Saramago e a sua obra.

Num pequeno inquérito de rua realizado já esta semana, a Lusa concluiu que são muitos os suecos que consideram que «Saramago é uma figura singular e de referência no panorama cultural português». A maioria das pessoas inquiridas acha que é natural e legítimo o orgulho da comunidade lusófona, porque «um

escritor da língua portuguesa merecia há muito tempo ser galardoado com o Prémio Nobel da Literatura».

Para a comunidade portuguesa radicada na Suécia a atribuição do prémio tem, antes de mais, um sentido moral, porque «mostra a força e o reconhecimento universal da língua portuguesa». Paulo Castilho, embaixador de Portugal na Suécia, sente-se feliz por receber, neste momento de orgulho e patriotismo, Saramago em Estocolmo.

PRÊMIO NOBEL DA LITERATURA JOSÉ SARAMAGO EM ESTOCOLMO

Uma conferência com raízes

O escritor falou ontem perante a Academia Sueca. Excertos de «De Como a Personagem foi Mestre e o Autor seu Aprendiz»

AMÍLIA

O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever. Às quatro da madrugada, quando a promessa de um novo dia ainda vinha em brancas de França, levantava-se da cama e saía para o campo, levando ao pasto a meia dúzia de vacas de cuja fertilidade se alimentavam ele e a mulher. Viviam nesta escassez os meus avós maternos, da pequena criação de porcos que, depois do desmame, eram vendidos aos vizinhos da aldeia, Azinhaga de seu nome, na província do Ribatejo. Chamavam-se Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha esses avós, e eram alfabetos um e outro.»

Ajudei muitas vezes este meu avô Jerónimo nas suas andanças pelo campo, cavei muitas vezes a terra do quintal anexo à casa e corria a lenha para o lume, muitas vezes, dando voltas e voltas à grande roda de ferro que accionava a momba, fiz subir a água do poço comunitário e a transportei ao campo, muitas vezes, às escondidas dos guardas das searas, fui com a minha avó, também pela madrugada, munidos de anzóis, panal e corda, a recolher nos montes a palha solta que depois serviria de servir para a cama do avô. E algumas vezes, em noites quentes de Verão, depois da ceia, meu avô me disse: «José, hoje vou dormir os dois debaixo da figueira.»

Um avô berbere, vindo do Norte da África, um outro avô pastor de porcos, uma avó maravilhosa e inteligente bela, uns pais graves e fornosos, uma flor num retrato — e outra genealogia pode importar-me? a que melhor me encostaria?»

PERSONAGENS

Escrevi estas palavras há quase 34 anos, sem outra intenção que não fosse reconstituir e registar os instantes da vida das pessoas que me geraram e que mais perto de mim estiveram, pensando que nada mais precisaria de explicar para que se soubesse de onde veio e de que materiais se fez a pessoa que comecei por ser e esta que pouco a pouco me vim formando. Afinal, estava enganada, a biologia não determina tudo

e, quanto à genética, muito misteriosos deverão ter sido os seus caminhos para terem dado uma volta tão larga...»

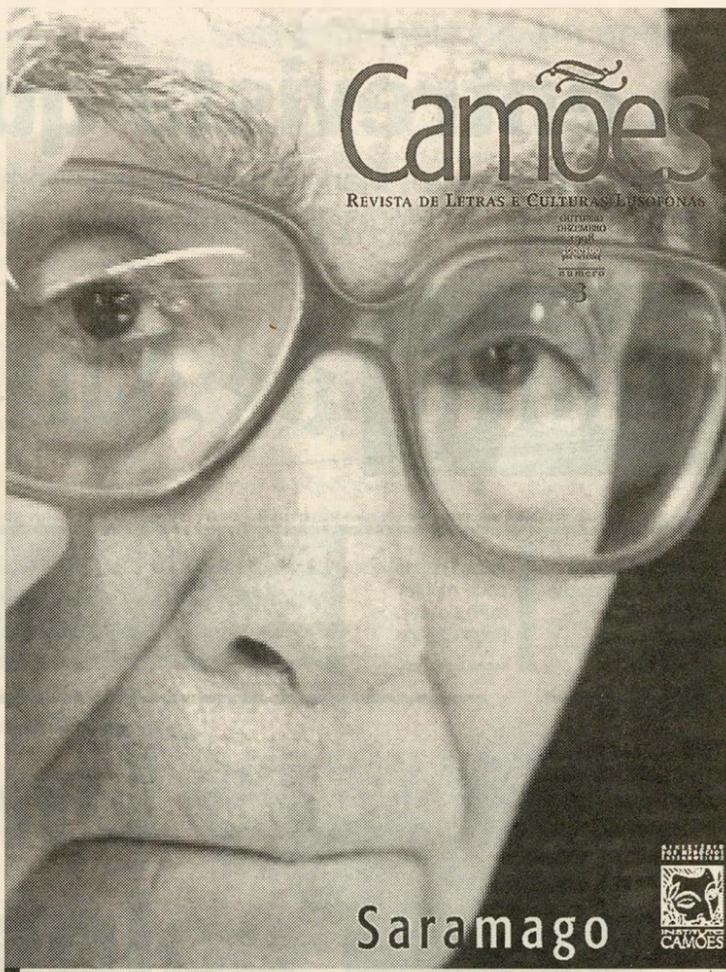
«Ao pintar os meus pais e os meus avós com tintas de literatura, transformando-os, de simples pessoas de carne e osso que haviam sido, em personagens novamente e de outro modo construtoras da minha vida, estava, sem o perceber, a traçar o caminho por onde as personagens que viesse a inventar, as outras, efectivamente, literárias, iriam fabricar e trazer-me os materiais e as ferramentas que, finalmente, no bom e no menos bom, no bastante e no insuficiente, no ganho e no perdido, naquilo que é defeito mas também naquilo que é excesso, acabariam por fazer de mim a pessoa em que hoje me reconheço: criador dessas personagens, mas, ao mesmo tempo, criatura delas. Em certo sentido poder-se-á mesmo dizer que, letra a letra, palavra a palavra, página a página, livro a livro, tenho vindo sucessivamente a implantar no homem que fui as personagens que criei. Creio que, sem elas, não seria a pessoa que sou hoje.»

MESTRES

«Agora sou capaz de ver com clareza quem foram os meus mestres de vida, os que mais intensamente me ensinaram o duro ofício de viver, essas dezenas de personagens de romance e de teatro que neste momento vejo desfilar diante dos meus olhos, esses homens e essas mulheres feitos de papel e tinta, essa gente que eu acreditava ir guiando de acordo com as minhas conveniências de narrador e obedecendo à minha vontade de autor, como títeres articulados cujas acções não pudessem ter mais efeito em mim que o peso suportado e a tensão dos fios com que os movia.»

RAÍZES

«Não podendo nem ambicionando aventurar-me para além do meu pequeno terreno de cultivo, restava-me a possibilidade de escavar para o fundo, para baixo, na direcção das raízes. As minhas, mas também as do mundo, se podia permitir-me uma ambição tão desmedida. Não me compete a mim, claro está, avaliar o mérito



EDIÇÃO. Revista «Camões» sobre Saramago é lançada hoje em Estocolmo

do resultado de esforços feitos, mas creio ser hoje patente que todo o meu trabalho, de aí para diante, obedeceu a esse propósito e princípio.»

LIVROS

«Ao menos uma vez na vida, todos os autores tiveram ou terão de ser Luís de Camões, mesmo se não escreveram as redondilhas de *Sôbolos rios...* Entre fidalgos da corte e censores do Santo Ofício, entre amores de antanho e as desilusões da velhice prematura, entre a dor de escrever e a alegria de ter escrito, foi a este homem doente que regressa pobre da Índia, aonde muitos só iam para enriquecer, foi a este soldado cego de um olho e golpeado na alma, foi a este sedutor sem fortuna que não voltará nunca mais a perturbar os sentidos das damas do paço, que eu pus a viver no palco da peça de teatro chamada *Que farei com este livro?*, em cujo final ecoa uma outra pergunta, aquela que importa verdadeiramente,

aquela que nunca saberemos se alguma vez chegará a ter resposta suficiente: «Que fareis com este livro?» Humildade orgulhosa foi essa de levar debaixo do braço uma obra-prima e ver-se injustamente enfeitado pelo mundo. Humildade orgulhosa também, e obstinada, esta de querer saber para que irão servir amanhã os livros que andamos a escrever hoje, e logo duvidar que consigam perdurar longamente (até quando?) as razões tranquilizadoras que acaso nos estejam a ser dadas ou que estejamos a dar a nós próprios. Ninguém melhor se engana que quando consente que o enganem os outros...»

SONHOS

«Esta é a história do *Memorial do Convento*, um livro em que o aprendiz de autor, graças ao que lhe vinha sendo ensinado desde o antigo tempo dos seus avós Jerónimo e Josefa, já conseguiu escrever palavras como estas, donde não está ausente alguma poesia:

«Além da conversa das mulheres, são os sonhos que seguram o mundo na sua órbita. Mas são também os sonhos que lhe fazem uma coroa de luas, por isso o céu e o resplendor que há dentro da cabeça dos homens, se não é a cabeça dos homens o próprio e único céu.» Que assim seja.»

UTOPIA

«A caminho de uma utopia nova: o encontro cultural dos povos peninsulares com os povos do outro lado do Atlântico, desafiando assim, a tanto a minha estratégia se atreveu, o domínio sufocante que os Estados Unidos da América do Norte estão exercendo naquelas paragens... Uma visão duas vezes utópica entenderia esta ficção política como uma metáfora muito mais generosa e humana: que a Europa, toda ela, deverá deslocar-se para o Sul, a fim de, em desconto dos seus abusos colonialistas antigos e modernos, ajudar a equilibrar o mundo. Isto é, Europa finalmente como ética.»

CEGOS

«Cegos. O aprendiz pensou: «Estamos cegos» e sentou-se a escrever o *Ensaio sobre a Cegueira* para recordar a quem o viesse a ler que usamos perversamente a razão quando humilhámos a vida, que a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos do nosso mundo, que a mentira universal tomou o lugar das verdades plurais, que o homem deixou de respeitar-se a si mesmo quando perdeu o respeito que devia ao seu semelhante. Depois, o aprendiz, como se tentasse exorcizar os monstros engendrados pela cegueira da razão, pôs-se a escrever a mais simples de todas as histórias: uma pessoa que vai à procura de outra pessoa apenas porque compreendeu que a vida não tem nada mais importante que pedir a um ser humano. O livro chama-se *Todos os Nomes*. Não escritos, todos os nomes estão lá. Os nomes dos vivos e os nomes dos mortos.

Termino. A voz que leu estas páginas quis ser o eco das vozes conjuntas das minhas personagens. Não tenho, a bem dizer, mais voz que a voz que elas tiveram. Perdoai-me se vos pareceu pouco isto que para mim é tudo.»

IDADE-REFÚGIO

Um Ponte «temporário» entre Portugal e Cuba

O escritor cubano António José Ponte recusa o estatuto de refugiado político e pretende voltar ao seu país no fim de 1999

MARCOS CRUZ

A chegada de António José Ponte ao Porto, ontem de manhã, não fez a controvérsia que se gerou em torno do seu acolhimento, durante um ano, ao abrigo da convenção que integrou a capital portuguesa na rede europeia de cidades-refúgio. O escritor cubano, de 34 anos, recusa o estatuto de refugiado político e diz nunca ter sido perseguido no seu país.

«A tensão que o homem de letras sofre em Cuba é motivada pela censura». E mesmo esta, deixou claro, «talvez vá cedendo, graças a muitos escritores que a con-

trariam de dentro e a outros que, exilados, dão entrevistas para mostrar que a cultura cubana está e deve estar acima da política».

Um dado relevante em todo este processo é a intenção expressa por António José Ponte de regressar à ilha quando terminar o prazo previsto para a sua estada no Porto. Um desejo que nem o presidente da autarquia, Fernando Gomes, sabe se poderá vir a concretizar-se. A dúvida recomenda algumas cautelas, como se infere das palavras do acolhido: «O escritor tem de usar subtilidades. O caminho não é sair do país, mas sim publicar lá dentro tanto

quanto possa e fazer o mesmo quando em situação de exílio». Exílio não será a palavra adequada para este caso, já que até o visto de saída foi obtido em Cuba.

«O Porto permite-me pensar as coisas de fora», disse, não mostrando recear as eventuais consequências internas da sua debandada: «A mim não me matam. Há que ter uma ideia objectiva do que sucede. Se uma pessoa sobredimensionar o inimigo, não o compreende. Logo, como o poderá vencer?». Quanto à família (apenas pais e irmãos, que o escritor é solteiro), «se tivesse trabalhos da confiança do Estado, perdia-os,

mas tal situação não se verifica».

Fernando Gomes, questionado sobre o ajustamento da escolha de Ponte aos requisitos estabelecidos pela convenção assinada entre Câmara, Ministério da Cultura (MC) e Parlamento Internacional de Escritores (PIE), refugiou-se ele próprio no poder decisório desta instituição: «Não tenho dúvidas de que a situação foi muito ponderada». Adiantou ainda que o protocolo visava «o acolhimento de cidadãos de artes e letras que não conseguiam, nos seus países, a liberdade de expressão que desejariam». Sobre o escritor disse ter-lhe parecido «um

homem culto e muito inteligente», fazendo votos para que possa «produzir obra literária marcante no Porto».

Ao fim da tarde, o MC divulgou uma posição oficial que corrobora as palavras de Gomes. Carrilho tem previsto um encontro com o António José Ponte na próxima sexta-feira.

Auferindo cerca de 200 contos mensais, o escritor habitará um T1 da zona do Barredo (Ribeira), junto à ponte D. Luís, com vista sobre o Douro. Beneficiará das regalias sociais necessárias a uma condigna integração, comprometendo-se a escrever um romance.